

POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM PARACATU

Júnia Lindamar Coutinho¹
Amália Cardoso Dias²
Robson Ferreira dos Santos²

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade abordar a realidade vivida pela população em situação de rua na cidade de Paracatu MG, investigar a necessidade e os benefícios da implantação do Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua (Centro POP) vinculado a Política de Assistência Social. Para a realização desse trabalho se utilizou a pesquisa bibliográfica, eletrônica, a pesquisa documental e de campo. **Palavras-chave:** População. Situação de rua. CREPOP. Paracatu.

ABSTRACT

The present article aims to address the reality lived by the street population in the city of Paracatu MG, which addresses the need and benefit of the implementation of the Special Reference Center for Population in Situation of the Street (POP Center) linked to the Assistance Policy Social. For the accomplishment of this work we used bibliographical, electronic research, documentary and field research.

Keywords: Street population. CREPOP. Paracatu.

Introdução

Esse artigo é fruto de pesquisa realizada por aluna do curso de psicologia da faculdade Atenas na cidade de Paracatu. Buscamos levantar dados e entender a

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Faculdade Atenas.

² Docentes do curso de Psicologia da Faculdade Atenas

realidade da população em situação de rua existente na cidade, as necessidades e as problemáticas envolvidas.

Os moradores de rua, não possuem moradia fixa, caminham sem rumo, entregues a sorte, e têm como abrigo, as ruas, calçadas, marquises, lugares públicos, de onde também tiram sua subsistência; um cenário impensado para imaginário coletivo dos gentílicos. Na maior parte do tempo, passam despercebidos, como se fossem invisíveis aos nossos olhos, outras vezes, vistos como vagabundos, loucos, sujos, perigosos ou dignos da piedade alheia; negligenciados pelo poder público e excluídos das políticas públicas, vivem em situação humilhante de abandono e segregação. Estando à margem da sociedade vivenciam um sofrimento psíquico imensurável, desvinculados de laços familiares, relações sociais e do mercado formal de trabalho.

Martins traz a reflexão, de que a população em situação de rua encerra em si o trinômio exprimido pelo termo exclusão; expulsão, desenraizamento e privação (MARTINS, 1994). Essa população que vive em situação de rua tem seus direitos como cidadãos aviltados, seus afetos e emoções banalizadas...

Podemos nos perguntar o que leva uma pessoa a viver de baixo de uma árvore a margem de uma BR, em condições sub-humanas? Seria o uso de substâncias psicoativas que os leva a essa situação ou é a situação de rua, que os leva ao uso de álcool e outras drogas?

É uma situação delicada e complexa; discriminados por muitos e negligenciados pela sociedade, muitas vezes parecem invisíveis, porém incomodam, provocam desconforto e recebem o repúdio da grande maioria da população. Mas na verdade, essas pessoas podem se caracterizar como vítimas de processos sociais, políticos e econômicos estridentes.

Alcock e Castell afirmam que a exclusão social relaciona-se com a situação extrema de ruptura de relações familiares e afetivas, além da ruptura total ou parcial com o mercado de trabalho e de não participação social efetiva. (Alcock, 1997; Castell, 1998).

Faz-se necessário um espaço de acolhimento para o reestabelecimento deste indivíduo, dando não somente assistência física, material, como também psíquica, como o Centro POP (Centro de Referência Especializada para População em situação de rua) unidade pública da assistência social para atendimento especializado a população adulta em situação de rua.

CARÊNCIAS DA POPULAÇÃO DE RUA

A população em situação de rua em Paracatu MG, não é um fenômeno novo, e sim um cenário antigo que tem todo um contexto histórico, social e cultural, assim como outros encontrados hoje em quase todas as cidades por todo mundo; O capitalismo ensoberbado tem deixado marcas profundas e rastros de miséria na sociedade contemporânea. E as formas com que o poder público lida com esse problema social é o principal interesse do tema desse artigo. No Brasil, a partir da década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, essas pessoas adquiriram espaço na busca de melhores condições de vida, empoderando-se na agenda pública.

A mais recente conquista é a Política Nacional para a População em Situação de Rua (PNPR), promulgada em 2009, que busca integrar diferentes setores das políticas públicas no atendimento a essa população. Esse cenário contribui para o surgimento de novos serviços para o atendimento dessa população

—

O conceito apresentado no Decreto nº 7.053/2009, que regulamenta a PNPR, define essa população como:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009)

O porquê da importância de Paracatu ser contemplado com a instalação do CREPOP é, por se tratar de uma unidade pública da Assistência Social para atendimento especializado à população adulta em situação de rua.

Na ausência do Crepop na cidade de Paracatu, buscamos identificar qual órgão presta o atendimento a essa população; buscamos respostas na secretaria de assistência social, onde nos foi informado, que mais provavelmente seria o CREAS (Centro de Referência especializado de assistência social) o órgão responsável por essa demanda; Unidade pública que oferta serviço especializado e continuado a famílias e indivíduos (crianças, adolescentes, jovens, adultos, idosos, mulheres), em

situação de ameaça ou violação de direitos, tais como: violência física, psicológica, sexual, tráfico de pessoas, cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, situação de autonomia, emancipação, liberdade econômica e social.

E foi no CREAS que buscamos e encontramos informações relevantes que possibilitaram e viabilizaram uma análise crítica sobre aspectos que envolvem o fenômeno; como a pobreza, exclusão, falta de igualdade social, preconceito e discriminação.

O órgão, no entanto, só fica responsável pelo cadastramento dessas pessoas, e busca salvar e guardar os direitos civis dessas cidadãs, e quando há o consentido encaminha-os para tratamento em clínica para dependentes químicos. Mas muitas demandas ficam deficientes, como intervenções psicoterápicas, oficinas laborais, acompanhamento psicológico especializado; devido ao fato de não haver profissionais disponíveis e capacitados para esse atendimento. Falta a essa população condições de reavaliarem suas vidas, mudarem as perspectivas e vislumbrarem um futuro promissor, de esperança, onde não só receberão um tratamento físico, como emocional e psicológico. Na falta de um espaço especializado (CREPOP) onde se poderia assistir as todas essas necessidades. O CREAS conta com parcerias de órgãos filantrópicos, como a "casa da acolhida"; entidade religiosa católica, que disponibiliza um espaço com banheiros, cozinha e dormitórios para os que querem e buscam ajuda. Nessa casa eles podem tomar banho, trocar e lavar suas roupas, fazer sua higiene pessoal, cozinhar e dormir se assim o desejarem. Há uma área de convivência, com televisão, livros e revistas; um quintal amplo, onde eles cultivam hortaliças, frutas, e um lugar reservado para orações. Todo material de limpeza, alimentos, roupas e utensílios, é custeada por doações da população. Uma funcionária da prefeitura fica na casa durante todo o dia, outra entidade parceira do CREAS é o CEFEC, entidade Espirita Kardecista que aos sábados oferece um atendimento especializado para esse público, onde há atendimento médico, estético (Banho, trocas de vestuário, corte de cabelo, unhas, alimentação (sopa) e apoio espiritual. Quando surge necessidade de tratamento físico especializado, um adoecimento, o indivíduo é encaminhado para hospital municipal do SUS.

O município não tem uma política especializada voltada, nem apropriada para essas pessoas em situação de rua, a maioria passa o dia nas praças, debaixo de marquises, próximo às rodovias, dormem nas calçadas e vivem perambulando

como zumbis, muitas vezes invisíveis aos nossos olhos e principalmente aos da gestão pública.

Tomar a população em situação de rua como uma questão social para a área da saúde é pertinente, pois suas condições de vida determinam processos de saúde-doença-cuidado muito diferenciados, demandando novos arranjos técnicos assistenciais e políticas públicas (Carneiro Junior; Jesus; Crevelim, 2010).

Por outro lado, incomodam, principalmente os comerciantes próximos dos lugares onde escolhem passar o dia ou a noite. Muitos moradores ficam indignados e reportam sua insatisfação com o fato das praças das cidades estarem ocupadas por "mendigos". Esse fato leva a políticas de higienização, o que causa polêmica, divergência de opinião entre a população de Paracatu. O fato é que são pessoas que necessitam de um olhar mais humanizado, sem preconceitos e, mas crítico, no sentido de entender que eles necessitam de ajuda especializada, por se tratarem de pessoas adoecidas, na maioria dependentes químicos, e ou com transtornos mentais, psíquicos e emocionais, que sofrem violências de toda forma, seja pelo preconceito, exclusão, discriminação e risco de violência e morte.

As pessoas em situação de rua estão entre os grupos mais marginalizados na sociedade. Mesmo entre eles existem diferenças em função das trajetórias individuais, como o tempo de permanência na situação de rua e as estratégias de vida particulares (Martins, 1997; Carneiro Junior et al., 1998; Hwang et al., 2010).

A situação é um problema não só social, mas de saúde pública. São pessoas que tiveram um passado, vivem um presente de abandono, mas que podem resgatar sua dignidade e ter um futuro mais digno, para tanto é necessária aplicação das políticas públicas apropriadas para esse fim;

A realidade em Paracatu parece pequena comparada há um cenário nacional, mundial, mas não menos cruel; o número encontrado de pessoas que vivem sem teto, sem trabalho pode parecer pequena, e é justamente por isso que nos dá uma esperança maior de reverter esse quadro de exclusão, abandono, desproteção, e miséria tanto física, quanto psíquica dessas pessoas em nossa cidade.

O maior desafio, no entanto, é que essa população muitas vezes já está tão desvinculada, excluída e vulnerabilidade, sem vínculos afetivos, totalmente sem auto estima, e cada vez mais convivendo com a presença do álcool, crack, e outras drogas, vivenciando abandono institucional e político, que eles adquiriram uma grande resistência em aceitar ajuda, e crer em mudanças positivas; muitos não admitem a doença, não aceitam ou não aderem ao tratamento oferecido. Alguns dizem que tem uma vida de liberdade, sem preocupações, que estão felizes, que gostam da vida que levam, falam isso sem se darem conta dos prejuízos para própria saúde, estão sem autonomia psíquica para distinguir a realidade, e próprio adoecimento. Muitos precisam ser internados de forma compulsória, por não estarem de posse de sua própria consciência e autonomia, o que os leva a atentarem contra própria segurança e vida.

Viver na rua significa um acúmulo de desvantagens que se traduzem em maior discriminação social, ausência ou precariedade de vínculos, sensação de insegurança, ausência de confiança nas pessoas e instituições, exposição a inúmeras situações de risco para a saúde, comportamentos não saudáveis, maior possibilidade de mortalidade e esperança de vida menor (Morrison, 2009; Dibben et al., 2011).

Para mudança desse cenário, no entanto, seriam necessárias intervenções apropriadas, psicossociais, conduzidas por metodologias teoricamente embasadas, aplicadas por profissionais qualificados, habilitados, no sentido de garantir o empoderamento, a autonomia, emancipação, liberdade econômica, social, os direitos civis e humanos dessas pessoas.

METODOLOGIA

Aplicamos questionários (Anexos I e II) em uma amostra de indivíduos que moram, passam o dia, a noite, e normalmente dormem debaixo de uma árvore às margens da BR-040 no município de Paracatu MG.

Durante entrevistas levantamos dados a respeito da história pessoal de cada um, idade, sexo, naturalidade e escolaridade, expectativa de vida e vínculos afetivos.

Essas pessoas cozinham ao relento, dormem sobe a sombra dessa arvore apenas, sem um espaço para higiene pessoal, e privacidade, passam a maioria do tempo consumindo álcool e outras drogas, expostos a todo tipo de riscos e perigo; muitos já sofreram violências físicas, sexuais, outros contraíram doenças serias e danosas.

Visitamos a secretaria de assistência social do município; o CREAS; a casa da acolhida; e o CEFEC, entrevistamos funcionários em buscas de saber quais serviços públicos, apoio, ajuda, e ou assistência existem para, e são oferecidas a esses sujeitos.

Na Tabela 1 podem ser observados dados atualizados da população em situação de rua, cadastrados no CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), no município de Paracatu no ano de 2017.

Tabela 1- Características da população em situação de rua em Paracatu em 2017

Características		(n)
População de rua em Paracatu		16
Idade	20 a 30 anos	02
	30 a 40 anos	08
	40 a 50 anos	04
	50 a 60 anos	02
Sexo	Feminino	02
	Masculino	17
Escolaridade	Fundamental Incompleto	04
	Fundamental completo	09
	Médio Incompleto	00
	Médio completo	02
	Superior Incompleto	01
	Superior completo	00
Uso drogas		14
Álcool		16
Quantos já foram internados em clinicas terapêuticas		05
Quantos restabeleceram		05
Quantos rescindiram		02
Quantos são de Paracatu		06
Quantos Migrantes		08
Doentes Mentais		03
Índice de Morte		Não houve

Salientamos que o número apresentado pode não corresponder a uma totalidade ou realidade da população em situação de rua de Paracatu, pelo fato de estarem cadastrados apenas pessoas que procuram ou tem alguma necessidade de atendimento. Não saber o número exato dessa população justifica-se na fala de Vieira, Bezerra e Rosa (1994) que identificam três situações em relação à permanência na rua:

- a) as pessoas que ficam na rua – configuram uma situação circunstancial que reflete a precariedade da vida, pelo desemprego ou por estarem chegando na cidade em busca de emprego, de tratamento de saúde ou de parentes. Nesses casos, em razão do medo da violência e da própria condição vulnerável em que se encontram, costumam passar a noite em rodoviárias, albergues, ou locais públicos de movimento
- b) as pessoas que estão na rua – são aquelas que já não consideram a rua tão ameaçadora e, em razão disso, passam a estabelecer relações com as pessoas que vivem na ou da rua, assumindo como estratégia de sobrevivência a realização de pequenas tarefas com algum rendimento. É o caso dos guardadores de carro, descarregadores de carga, catadores de papéis ou latinhas.
- c) as pessoas que são da rua – são aqueles que já estão faz um bom tempo na rua e, em função disso, foram sofrendo um processo de debilitação física e mental, especialmente pelo uso do álcool e das drogas, pela alimentação deficitária, pela exposição e pela vulnerabilidade à violência. (Vieira, Bezerra e Rosa, 1994)

Observamos durante o contato e entrevistas com os moradores de rua, que muito tem família, filhos, mãe, pais e mesmo casa para os quais poderiam voltar, mas já não se sentem pertencentes a essa realidade, perderam os vínculos afetivo, familiares. Não se sentem úteis, capazes, muitos perderam o prazer pela vida, o amor próprio e a condição de discernir entre o que é melhor, e saudável para se viver. Todos de alguma forma e em algum momento da vida foram atingidos por tragédias particulares, perda de ente querido, desemprego, desilusões, traumas e dores que os fizeram abandonar tudo, desistir de tudo e sair, vagando pelas ruas; e já não podemos dizer se a situação de rua, levou-os ao

vício do álcool e outras ou se foi o vício do álcool e outras drogas que os levou a situação de rua. Uma situação simbiótica, caótica e complexa; por que mesmo tendo alguma consciência da precariedade em que vivem, muitos não almejam sair, não se sentem estimulados.

CONCLUSÃO

Não temos em Paracatu o CREPOP, mas, nossa cidade já tem um número suficiente de cidadãos que justifique a implantação do centro POP, que atenderia as reais necessidades das pessoas em situação de rua, o que ao longo dos anos, abriu espaço para que organizações da sociedade civil assumissem propostas solidárias de atendimento; no entanto, em muitos casos, de cunho assistencialista, distantes, portanto, da noção de política pública, enquanto direito dos cidadãos e dever do Estado. Fato é que, invisíveis aos nossos olhos, quando não se constituíam em alvo de repressão, as pessoas em situação de rua são simplesmente deixadas de lado. E na maioria dos casos o interesse é higienista, tirar das ruas p não incomodar os olhos de quem passa.

Na verdade, são desafortunados, que vivendo numa situação crítica e triste nas ruas de nossa cidade. É preciso tentar resgatar a dignidade dessas pessoas, dando a elas oportunidade de um futuro mais humano. Garantindo a eles o que lhes é de direito. Por que estando eles livres do adoecimento, com um devido tratamento físico e psicológico, eles terão condições de elaborar de forma real suas vivencia passadas, modificar o presente e resgatar vínculos familiares, afetivos e sociais; se inserirem novamente no mercado de trabalho e projetarem um futuro mais promissor.

Enquanto as políticas públicas não se fazem mais igualitárias e assertivas, precisamos nos conscientizar de que somos todos responsáveis, e que não há como pensar em uma melhoria para nossa cidade, uma sociedade mais pacífica e justa, desconsiderando esses aspectos sociais de segregação e exclusão de alguns. É preciso trabalhar para inclusão de todos como cidadãos nas políticas públicas e igualdade de direitos. Independente de raça, sexo, religião, condição financeira ou intelectual, somos todos

seres humanos carentes das mesmas necessidades emocionais, psíquicas, para termos equilíbrio, felicidade e qualidade de vida.

Agradecimentos

A esta faculdade e todo seu corpo docente, além da direção e administração que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse meus objetivos.

À minha Professora Dra. Nicolli Bellotti, por todo o tempo que dedicou me ajudando durante o processo de realização deste trabalho.

De forma especial a Cilze Meire O. Melo , coordenadora do CREAS em Paracatu, por toda atenção e apoio que viabilizou realização do nosso trabalho acadêmico.

E enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu muito obrigado!

Referências

BARRATA, Barradas Rita, et al. **Desigualdade social em saúde na população em situação de rua na cidade de São Paulo**. Saúde Soc. São Paulo, v.24, supl.1, p.219-232, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24s1/0104-1290-sausoc-24-s1-00219.pdf>>

BRASIL. **Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. “Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Inter setorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm

CAOPECAE. CENTRO POP **Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua**. Paraná. Disponível

em:<http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/suas/creas/centro_pop_institucional.pdf>

CARNEIRO JUNIOR, N.; JESUS, C. H.; CREVELIM, M. A. **A Estratégia Saúde da Família para a equidade de acesso dirigida à população em situação de rua em grandes centros urbanos.** Saúde soc., São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2010 . Disponível em :<<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000300021>>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. Metodologia do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop).** Brasília: CFP, 2012. Disponível em: <http://www.crpmg.org.br/CRP2/Image/Cartilha%20CREPOP%20Impressa%CC%83o%2016-09.pdf>

COSTA,A.P.M. **População em situação de rua: contextualização e caracterização.** Sistema de Información Científica Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal,n.4, De.2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3215/321527157003/>

VIEIRA, M. A. C.; BEZERRA, E. M. R.; ROSA, C. M. M. **População de rua: quem é, como vive, como é vista.** São Paulo: Hucitec, 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24s1/0104-1290-sausoc-24-s1-00219.pdf>>

RAMOS, Ana Márcia Fornaziero, et al. **Pobreza e Exclusão Social: Binômio contido no segmento População em Situação de Rua.** São Paulo; Grupo de Trabalho nº 08 – Desigualdade, vulnerabilidade e exclusão social. Disponível em:<http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT8/GT8_FornazieroRamos.pdf>.

Anexo I- Questionário de diagnóstico utilizado na pesquisa realizada junto aos funcionários do CREAS do município de Paracatu, MG

- 1- Qual o número total de pessoas vivendo em situação de rua na cidade de Paracatu?
- 2- Qual o número de pessoas em situação de rua, cadastrados no órgão?
- 3- Prevalência maior são os naturais da região?
- 4- Há grande número flutuante dessa população que fuga ao controle de cadastramento do CREAS?
- 5- Sexo desses indivíduos?
- 6- Grau de escolaridade?
- 7- Quantos são usuários de álcool e outras drogas? Quais serviços são oferecidos a essa população?
- 8- Quantos já foram internados em clínicas de reabilitação?
- 9- Se necessário há a internação compulsória?
- 10- Como isso acontece?
- 11- Qual porcentagem de pessoas que aderem ao tratamento e se reestabelecem?
- 12- Há uma porcentagem dos que depois do tratamento reincidem a situação de rua e ao uso do álcool e outras drogas?
- 13- O CREAS supre toda a todas as necessidades dessa população em situação de rua da cidade de Paracatu?
- 14- Ele é o órgão especializado para suprir essa demanda?
- 15- Há no órgão do CREAS funcionários treinados, habilitados e capacitados para atendimento a PSR?
- 16- Existem pessoas em situação de rua cadastrados que tem diagnóstico de transtornos mentais?
- 17- Existe um tratamento especializado para esses portadores de distúrbios mentais?
- 18- Índice de morte?
- 19- O CREAS tem o contato com familiares dessas pessoas cadastradas?
- 20- Alguns deles retornou para ambiente familiar?
- 21- Existe um suporte, e ou incentivo para retorno ao mercado de trabalho?



Anexo II- Questionário de diagnóstico aplicado a amostra de pessoas em situação de rua na cidade de Paracatu

1- Qual seu nome?

2- Há quanto tempo você vive nas ruas?

3- Você tem família aqui? E ou em outra cidade? Qual?

4- O que o trouxe a viver nas ruas?

5- Qual sensação você experimenta estando nas ruas?

6- Onde você supre suas necessidades? De higiene pessoal? Necessidades fisiológicas?

7- Você faz uso de álcool e outras drogas?

8- Você deseja sair das ruas? Voltar para casa? Ter um trabalho?

9- Tem planos para seu futuro?

10- Recebe ajuda de algum órgão público?